



AMAZONIA, UM INFERNO ENCHARCADO: UMA LEITURA DE *TERRA ENCHARCADA* DE JARBAS PASSARINHO

Miguel Nenevé

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: nenevemi@gmail.com

Renata Batista da Silva

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: renata.batista@unir.br

RESUMO

J. P Loureiro (2015) nos lembra que na Amazônia, “as ideias gerais e preconceituosas sobre a floresta tem oscilado entre uma concepção paradisíaca e uma identificação com o reino das trevas”. Portanto, sempre houve uma visão dicotômica, ou paraíso onde tudo era possível ou inferno cruel e inóspito. Muito antes de Alberto Rangel e mesmo de Alexander von Humboldt, a Amazônia já tinha sido interpretada como “inferno verde”. Esta alcunha está presente até hoje em títulos de livros e filmes, muitas vezes em razão da luta contra inimigos invisíveis, como mosquitos, animais selvagens, rios intransponíveis ou outros perigos de difícil dominação. Neste artigo, porém discutimos a obra *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho identificando como a Amazônia se tornou um inferno para nordestinos que deixaram a seca para se deslocarem para a Amazônia a fim de trabalhar na exploração da seringa. O inferno neste caso era causado pela ganância dos donos dos seringais. A edição de *Terra Encharcada* que focalizamos é da edição 1968 publicada pelo Clube do Livro, portanto após o livro sofrer alguns cortes pela censura. A obra, baseada em fatos históricos, narra a vida de retirantes do Nordeste em busca de sobrevivência na Amazônia. Estudos sobre Amazônia por autores como Antonio Loureiro, J P Loureiro, Marcio Souza e Samuel Benchimol, entre outros estudiosos da região nos ajudarão nesta análise.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia – Inferno – Terra Encharcada – Jarbas Passarinho.



AMAZON, A WET HELL: A READING OF JARBAS PASSARINHO'S TERRA ENCHARCADA

ABSTRACT

The prejudiced ideas about Amazon jungle, according to J P Loureiro, “has oscillated between a paradisiacal conception and an identification with the kingdom of darkness”, that is, Amazonia has been seen either as a Paradise or a Hell. Alberto Rangel was not the first to call the Amazon region as “Green Hell”. Before him, Alexander Humboldt and many other have interpreted this region as part of the hell. This “nickname” has been present until today in books, films and video contrasting with the vision of Eden. Usually amazon has been considered a hell because of the difficult it offers to travelers and researchers and explorers who want to conquer it: wild animals, mosquitos, several rivers and wetlands are great obstacles. In this work, however, we propose to investigate how Amazonia became a “hell” for people who left Brazilian Northeast to live in this region as rubber tapper. Our main object is Jarbas Passarinho’s Terra Encharcada (Wet Land) published in 1968 by Clube do Livro. Historians and scholars who investigate the Amazon, such as Marcio Souza, J P Loureiro and S Benchimol among others will be helpful for our discussion.

KEYWORDS: Hell – Amazon – Rubber tappers – Terra Encharcada – Jarbas Passarinho.

INTRODUÇÃO

Zé Cesário vendo a situação
Liderou a revolta da região
Os índios com medo
Dos novos habitantes
Fugiram para matas distantes.
("O Encantado Vale do Jari" Aureliano Neck e Nonato Soledade)

No início da pandemia do Covid-19 houve quem acreditava que a selva amazônica seria o melhor refúgio para proteger-se do vírus, até o dia que garimpeiros ilegais tornaram-se ameaça para de contaminação em comunidades indígenas, o que transformaria a região em

um local mais vulnerável para este mal. O fato é que a Amazônia foi sempre imaginada como uma possibilidade de refúgio para qualquer mal. Quando discute-se a falta de água no mundo, quando questiona-se a possibilidade de algum isolamento ou fuga da visibilidade da sociedade, pensa-se logo na Amazônia. Ao final da escravidão nos Estados Unidos, por exemplo, o Presidente Abraham Lincoln tinha um plano, aprovado pelo congresso americano, para deportar os afro-americanos, ex-escravos, para a Amazônia. Afinal o mito do Eldorado foi desenvolvido junto com as imaginações sobre possibilidades de um mundo salvador, refúgio para desesperados e desesperançados, ou mesmo, como no caso do governo americano, um local onde os crimes poderiam acontecer sem muita visibilidade. .

Pode-se imaginar então como a proporção da crença neste refúgio foi elevada durante os períodos áureos da borracha. Amazônia era o refúgio não somente para nordestinos famintos mas para seringalistas gulosos, gananciosos de acumularem mais riquezas. Importante mencionar que a “corrida para a borracha” chegou a ser comparada ao “rush” californiano, a borracha sendo o “ouro” da Amazônia. Eidorf Moreira em artigo intitulado “*Influências da Amazônia no Nordeste*”, citando Viana Moog diz que “Repetia-se na Amazônia o espetáculo estonteante da Califórnia dos dias de Hans Suter” – (P.2). Em outras palavras, a borracha tinha se tornado uma riqueza do país e assim chamava a atenção de pessoas do Brasil e do exterior. Houve, de fato, um período que era a primeira riqueza do país, em termos econômicos , principalmente no final do século XIX, só perdendo para o café. Houve também o período da queda do preço, o “blast” que foi dificultando a vida nos seringais. Muito se tem escrito sobre esta vida no seringais, tanto na fase do “boom” como no subsequente “blast” da borracha. A corrida para a Amazônia em todos os casos era a busca do paraíso sonhado por quem sofria com a seca e outros males que impediam o sonho de uma vida melhor.

Este sonho com paraíso, no entanto, poderia ser realizado somente para o dono do seringal, não para o seringueiro que procurava sobrevivência na selva. Muitas vezes este sonhado refúgio para os males da seca se transformava em um inferno, um buraco sem fundo. São várias as obras de ficção que tratam desta situação infernal de seringueiros sendo escravizados na selva, sem nenhuma assistência social, muitas vezes longe da mulher e dos filhos e sofrendo todo o tipo de exploração por parte do dono do seringal. Entre as várias obras de ficção podemos citar *A Selva* de Ferreira de Castro, *Terra Caída* de Jose Potyguara, *O*

Seringal de Miguel Ferrante, entre muitas outras que revelam o sofrimento do seringueiro na selva, dependendo exclusivamente de seu trabalho de cortar borracha e da boa vontade do patrão. A maioria destas obras apresentam como foco seringueiros no Acre e no Amazonas. *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho (1968) que analisaremos neste trabalho, no entanto, apresenta um cenário menos comum para esse tema: um remoto local no estado do Pará, não tanto explorado em obras de ficção, o Vale do Jari. Antes de começarmos a explorar a obra apresentaremos brevemente alguns dados biográficos do autor, Jarbas Passarinho e o contexto em que surgiu a obra.

O CONTEXTO DA OBRA: UM MILITAR ESCREVENDO UM ROMANCE SOBRE REVOLTA NA SELVA

Jarbas Gonçalves Passarinho nasceu em Xapuri (AC), em 11 de Janeiro de 1920. Ingressou na carreira militar, chegando ao posto de tenente-coronel quando da deposição de João Goulart e a subsequente instauração do Regime Militar de 1964, quando ingressou na política. Em 15 de junho de 1964 foi empossado governador do Pará .

Antes da publicação de *Terra Encharcada*, iniciou-se nas Letras locais em Belém. Com a publicação deste romance, em 1959, ganhou o mais importante prêmio literário do Pará, o prêmio Samuel Wallace MacDowell, da Academia Paraense de Letras – da qual também foi membro e presidente. Depois deste romance, Jarbas Passarinho publicaria somente obras não ficcionais, tais como: *Amazônia, o desafio dos trópicos* (1972) entre outras, *Último líder da ARENA no Senado* (1980), *Águias e papagaios: encontro com J. P. aos domingos* (1982), *Liderança Militar* (1987), *Na planície* (1990), *17 meses de Ministro da Justiça* (1992), *Parlamentarismo e Presidencialismo* (1993), *Um Híbrido Fértil* (1996) e *Amazônia, Patrimônio Universal?* (2010).

Jarbas Passarinho foi um dos articuladores do golpe militar de 1964, o que de certa forma pode ter sido motivo para que sua obra não fosse muito divulgada no meio acadêmico. Enquanto Ministro do Governo Militar, obteve diversos títulos e honrarias,

incluindo mais de 10 títulos de Doutor Honoris Causa outorgados por universidades brasileiras, dentre as quais a Unicamp e a UFRN. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, bem como pertencia à Academia Brasiliense de Letras. Morreu em 5 de junho de 2016, aos 96 anos, em Brasília. Interessante observar que Jarbas Passarinho, tendo nascido em Xapuri, região de seringueiros, migra com a família para Belém para sair do seringal em busca de outra vida, já que no período em que nasceu o preço da borracha estava em plena decadência.

Em sua dissertação de Mestrado, “Terra Encharcada: um diálogo entre a Criação Literária e certas Histórias da Amazônia” (UNIR/MEL 2019), Francisco Américo M Moraes chama Jarbas Passarinho de “um passarinho híbrido” fazendo alusão a uma de suas obras intitulada *Um Híbrido Fértil*. Não está claro por que motivo seria “híbrido” mas talvez pelo fato de ter nascido no seringal e se mudado para o Pará, depois para o sudeste e ter seguido a carreira militar ou talvez por ser militar e mesmo assim escrever sobre uma revolta de trabalhadores que deu certo.

Terra Encharcada, tem um enredo que se concentra em uma rebelião de seringueiros no interior do Estado do Pará, conhecida como “Revolta de Jari” ou “Revolta de Cesário”, uma vez que José Cesário, natural de Caicó, no Rio Grande do Norte liderou a revolta. Zé Cezário, ou José Cezário ou “às vezes Cesário é citado quando se fala em heróis de Caicó ou mesmo em canções sobre a história de Jari. Na epígrafe deste texto usamos a segunda estrofe de uma canção que é parte de um samba enredo “O Encantado Vale do Jari” cujos compositores são Aureliano Neck e Nonato Soledade. Nesta “Revolta de Cezário” (1928), os seringueiros insurgentes tomaram um navio na região e prenderam alguns capatazes conhecidos pela severidade e crueldade. Foi uma revolução de certa forma não violenta que queria mostrar a insatisfação pelos maus tratos e crueldade do dono do seringal, incluindo assédio da esposa de Zé Cezário por Duca Neno que era cunhado do maior latifundiário do mundo, na época, o Coronel José Júlio de Andrade.¹ Neste aspecto poderíamos até mencionar que o comportamento revolucionário de Cesário refletia mais os ensinamentos de Mahatma Ghandi do que de Frantz Fanon visível em *Os Condenados da Terra* (1991).

¹ Ver <https://informandoeeducando.blogspot.com/2011/06/paginas-da-historia-do-jari-conflito-no.html>

A obra de Jarbas Passarinho, portanto, parte deste contexto de exploração de trabalhadores e uma revolta exitosa. *Terra Encharcada* foi originalmente escrita em 1948 e esquecida devido à dedicação do autor à vida militar. Antes de ser submetida para concorrer ao prêmio, “Samuel _Wallace _MacDowell”, a obra sofreu várias alterações.. Não se sabe, no entanto, que alterações foram promovidas nesta época. Israel de Novaes em “Nota Explicativa” à edição do Clube do livro (1968) explica o livro de Passarinho “trata-se de um “roman-à-clê” pois o episódio central aconteceu de fato a certa altura da vida paraense, e o escritor que se impressionara com ele, considerou-o digno de um desenvolvimento em romance tal a sua impressão simbólica”(8)

Talvez se não fosse sua dedicação à vida militar, o autor teria promovido outras revisões e impedido a censura na época da ditadura. Jarbas Passarinho por sua postura em favor do AI-5 e outras ações que resultaram perseguições a outros intelectuais acabou recebendo algum julgamento desfavorável de certos críticos. Segundo Francisco Américo Moraes (2019)

“ Quatro dias depois,[da morte de Jarbas Passarinho] portanto, em 9 de junho, Gilson Dantas (2016), doutor em sociologia pela UnB (Universidade de Brasília), redigiu uma nota irônica sobre a morte de Jarbas Passarinho: “Estamos diante de um coronel da ditadura que morre ‘anistiado’, no conforto de uma velhice abastada, solto como um pássaro” – e muitos outros morreram na mesma condição de impunidade, dentre eles podemos citar o colega de armas de Jarbas Passarinho, o igualmente Coronel do Exército Brasileiro Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política durante a Ditadura Militar” (23)

Passarinho foi coronel do exército e ministro do Trabalho e Previdência Social no governo do presidente Costa e Silva, mas acabou voltando à política mesmo após o fim da ditadura militar.

Terra Encharcada ainda teria nova edição publicada pela editora Expressão e Cultura, em 2001, da cidade do Rio de Janeiro, dentro da coleção Páginas Amarelas, em formato de edição de bolso. Quando pesquisamos trabalhos acadêmicos sobre *Terra Encharcada*, além da recente dissertação de mestrado, já citada, desenvolvida por Francisco Américo Moraes, encontramos uma fortuna crítica, ainda em construção, como peça chave da historiografia literária da Amazônia. Numa das poucas fontes temos o estudo de Tuylla Rayane Tavares da Cunha,(2018), que menciona sucintamente em seu trabalho intitulado: “ *Guerra, Sertão e*

Memória: Os pracinhas Sertanejos e os Soldados da Borracha Na Segunda Guerra Mundial” (2018). A autora cita a obra *Terra Encharcada*, ao abordar as dificuldades enfrentadas pelos emigrantes quando chegam ao Norte do país.

A autora apresenta o romance como representação dos horrores causados pela seca sobre a paisagem do sertão cearense, sobre os animais e população, que através da família do personagem Oliveira, vê-se obrigada a se deslocar para a capital, atitude vista como último recurso ao seu alcance, assim como a ansiosa espera de um grande milagre. Os personagens se deparam com a infeliz realidade dos campos de concentração, assistindo a famílias sendo assoladas por enfermidades, passando também a sofrer com o estigma.

O já citado mestre em Estudos Literários Francisco Américo Martins Moraes também escreve sobre a “tesoura” imposta à obra de Jarbas Passarinho: “*Quando a espada corta a pena*” publicado pela Revista *Temporalidades* discute alguns cortes promovidos pela censura do regime militar. (v. 11 Belo Horizonte, Vol. 11, n.3 (set./dez. 2019) . Moraes enfatiza a questão da censura moral imposta ao trabalho literário. Na dissertação “*Terra Encharcada: um diálogo entre a criação literária e certas Histórias da Amazônia*”, também já citada, Américo Moraes apresenta um estudo historiográfico-literário do romance *Terra Encharcada*, tendo oferecido uma reflexão sobre a situação social de explorados/escravizados dos chamados “brabos”, sertanejos nordestinos flagelados pela seca. Moraes percorre cenários nacionais que ambientaram as edições do livro, com a intenção de levar aos leitores o conhecimento de todas as edições da obra.

Na pouca produção acadêmica que encontramos sobre a obra não há ainda nenhuma centrada no “coração das trevas”, isto é na condição infernal em que viviam os trabalhadores. É o que pretendemos destacar a seguir: *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho pode ser lida como um convite a perceber que a vida dos seringueiros na Amazônia era muitas vezes transformada em uma passagem às regiões infernais.

TERRA ENCHARCADA E A VISÃO DO INFERNO: SERINGUEIROS EM REGIME DE ESCRAVIDÃO

Terra Encharcada como afirmamos acima, usa o mesmo nome da personagem histórica para os heróis do romance, José Cesário. O texto literário denuncia as condições miseráveis em que viviam e morriam milhares de homens semi-escravizados no seio da floresta amazônica. A produção de borracha tinha como finalidade atender às necessidades da indústria dos principais mercados internacionais como os Estados Unidos e a Europa. Quem lucrava com isso era somente o patrão, o dono do seringal e talvez alguns de seus gerentes. A realidade dos seringueiros vivida no romance, era a realidade de muitos seringueiros, como explica Antônio Loureiro (1982)

[...] num regime de semi-escravidão, pois, dificilmente o seringueiro libertava-se deste sistema explorador. Mesmo obtendo saldo, as despesas da volta tornaram-se tão abusivas, que os ressuscitados constituíam-se em uma exceção. Além do mais, os seringalistas esforçavam-se para não deixar partir tão bons trabalhadores, capazes de lhes aumentar a produção. Quando se tornava impossível retê-los, eram tocados e mortos, com o objetivo de roubar-lhes o que haviam juntado, após anos de sacrifício (LOUREIRO, 1982, p. 170).

O dono do seringal, visando o lucro certo, tornava-se mais preocupado com a queda do preço e, conseqüentemente, mais cruel no trato com os seringueiros.

Marcio Souza (1994) discute o problema da borracha e o início da crise nos seringais brasileiros devido a uma pirataria:

Em contrapartida anos antes do apogeu do ciclo da borracha, numa operação de contrabando à qual a lenda empresta lances de ação de espionagem, o aventureiro inglês Henry Alexander Wickham conseguiu uma partida de setenta mil sementes de seringueira e enviou para Londres...” (Souza, M 146)

A quebra do monopólio da seringa da Amazônia iria, portanto trazer dificuldades aos coronéis brasileiros,” até dar o golpe de misericórdia que viria com o fim da Primeira Guerra Mundial” (Souza, M. 146)

O contínuo descambar do preço da borracha podia ser sentido a partir de 1910, e se agravaria constantemente até o fim da guerra, que é mais ou menos o tempo em que se passa o romance de Jarbas Passarinho. Márcio Souza (1994) complementa:

A partir de 1910 a queda do preço já era visível e o recursos em solvência, precários. Em 1920, quando o capitalismo mundial atravessava um de seus

momentos de frenesi, as orgulhosas metrópoles, Belém e Manaus, eram cidadelas vencidas e em processo de liquidação. Quanto às medidas de salvação do governo federal, estas não constituíam sequer paliativo, Os conceitos monetaristas que dominavam a política econômica federal, ideologia cara aos estados brasileiros, acabariam vencendo e abandonando os extrativistas.” (147).

Vários pesquisadores apontam este problema nos seringais. O Professor Josué da Costa e Silva, professor de Geografia da Universidade Federal de Rondônia em trabalho com sua orientanda Rachel D Silva, apresenta uma descrição de como podem ser vistos os seringais: “Os seringais são grandes áreas de terra para extração do látex, essas áreas são divididas por colocações, cada colocação tem uma média de 3 hectares e as famílias são organizadas por colocações, umas distantes das outras” (4)

Os seringais tinham várias normas que deveriam ser estritamente respeitadas pelos seringueiros. Algumas normas estavam concentradas na maneira de cortar a seringa. Havia regulamentos, por exemplo de Octávio Reis, descrito por Samuel Benchimol (1992). Nele vemos que as normas para o corte de seringueira eram rígidas. Benchimol menciona a largura da arreação e raspagem entre muitas outras normas que o seringueiro tinha que obedecer quando tocava na árvore. Benchimol (1992) menciona outras normas, por exemplo, o “comprimento do corte”, a “distância de um corte do outro”, “distância das arredações:” e “o espaço de uma arredação” entre outros (p.239)

.Pode-se imaginar as dificuldades de um “brabo”, isto é um iniciante no corte da seringa, logo após sua chegada para se adaptar a todas as normas. Após estas normas da coleta do leite, o seringueiro precisava defumar o látex, serviço que era feito no tapiri. Depois disso, tinha que levar o rolo de borracha para o barracão, onde eram feitos os acertos de contas. Neste ponto muitas vezes se cometiam injustiças na hora da pesagem. O pagamento aos seringueiros frequentemente não acontecia pois ele já “estava devendo” ao patrão devido a compras que tinha que fazer no barracão.

O que importava, era sempre o bem estar e o contínuo lucro das oligarquias. À medida que a borracha caía de preço, quem sofria o corte mesmo eram os seringueiros, não os donos dos seringais.

Além da violência, da injustiça e do que, diríamos hoje, contínuo “assédio moral” dos gerentes aos seringueiros, havia também o ‘perigo’ “ das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas de inúmeras das milhares de doenças como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba. (BENCHIMOL, 1977, p. 159). Pode-se imaginar como a vida de um seringueiro era desgastante, o que lhe causava muitas vezes arrependimento por ter deixado o Nordeste.

A vida no seringal era portanto, ditada pela força, a lei que era mais obedecida era a lei do fuzil. As mulheres, sempre em número bem menor em relação aos homens, tornavam-se facilmente objeto da gula e da volúpia do mais forte, o patrão ou o gerente. Em *Terra Encharcada*, a revolta pelo modo que sua mulher foi tratada é visível em Cesário:

“O sertanejo sentiu um arrepio. Logo quem! O miserável que mandara sua mulher e filho para um antro de perdidias e a quem ele desejara dar uma surra de moer-lhe os ossos (Passarinho, 128). Esta revolta de Cesário é causada pelo fato de sua mulher ser colocada junto às prostitutas pelo próprio gerente com quem está falando. A situação da adolescente Raimunda que se torna o objeto de desejo do Seu Lira” é outro exemplo da condição feminina no seringal. Quando tem condições de falar ela exclama: “Quero ir embora. Bem longe disto aqui. Quanto mais longe melhor” (Passarinho, 104). A “Revolta do Cesário” como ficou conhecido na história na realidade, é a revolta contra todas estas condições em que o mais fraco só tem que obedecer o mais forte.

Como vimos afirmando, o cenário fictício de Passarinho se dá na mesma região onde aconteceu o fato histórico num seringal no remoto Jari, na fronteira do estado do Pará, no Vale do Jari (no romance passa a ser Jami) . Este local recebeu nordestinos que deixavam a seca para trabalhar na extração da borracha. O coronel Antônio Carlos do romance reflete o Coronel José Júlio de Andrade, já citado anteriormente, que aumentou seu latifúndio e suas economias à custa da exploração de seringueiros e a outros meios lícitos aproveitando-se da condição de deputado estadual e senador pelo estado do Pará. Foi parado por uma revolta de seringueiros liderada por José Cesário por isso também conhecida por “Revolta de Cesário”.² É importante

² Para informações a este respeito ver artigo de Ruy Medeiros Fernandes José Cezário de Medeiros (*1904+1980) foi um caicoense que migrou para o Estado do Pará no primeiro semestre de 1928, levando consigo a mulher e três filhos dela, havidos de um relacionamento anterior, que adotou como seus; aos filhos adotivos se somaram-se mais oito havidos do casamento dela com José Cezário. Foi contratado para trabalhar em um

notar que em 1968, no lançamento da segunda edição de *Terra Encharcada* no auditório da Reitoria da Universidade do Rio Grande do Norte pelo autor, estavam presentes familiares do herói nacional José Cezário de Medeiros, o caicoense Cesário do romance de Passarinho.

Na realidade, o que a personagem de Jarbas Passarinho aprendia aos poucos era que ali estava o inferno, um inferno inaceitável, muito pior que o inferno da seca. Isso lhe dava forças para esperar o tempo certo para lutar. Este inferno, porém, já aparece no romance antes da apresentação da personagem Cesário. O personagem Oliveira já sente isso:

Tudo parecia piorar, como se fosse possível àquela gente, já de si tão fraca e infelicitada, suportar maiores sofrimentos. Nem emprego, nem saúde. Caíra em cheio no ‘cercado’ a maldição de Deus. A morte cobrava o seu quinhão, impiedosa e má. Logo a notícia chegou à saúde pública. Grassava o tifo, favorecido pela promiscuidade e pela imundície em que chafurdavam milhares de pessoas. Houve um grito de alarma e de terror. Embargaram-se os passos dos retirantes, isolando-os. Evitou-se, nos locais de trabalho coletivo, o seu concurso ou a sua simples presença. Marcados pelo estigma da peste, repelidos, evitados, restou-lhes submeterem-se a um violento processo seletivo natural. (PASSARINHO, 1968, p. 18)

A própria família do personagem Oliveira foi abatida pela doença que fez tantas vítimas nas secas, restando apenas o filho, Zé Luís, que com 16 anos, partiu para a Amazônia. O inferno seco do Nordeste iria ser transferido para o “a Amazônia, isto é para um “um inferno verde”, como já tinha denominado o geógrafo alemão, Alexander von Humboldt, o fundador da geografia física. Neste caso, mais apropriado seria chamar o “inferno encharcado.”

O seringueiro começa a dever ao patrão, desde o momento em que deixava a sua localidade no nordeste. Como já afirmava Euclides da Cunha em *A Margem da História* citado por Galvão e Costa em seu texto “Seringueiros na Amazônia” (2018): “Desde o momento que

empreendimento chamado Projeto Jari, tendo como local de trabalho a Selva Amazônica, próximo ao município de Arumanduba, onde se situava a sede da empresa. Liderou uma revolta, bem sucedida, em 1928 contra as péssimas condições que sofriam os seringueiros (ver texto de Ruy Medeiros Fernandes - CAICOENSE HERÓI NA AMAZÔNIA)

deixava sua comunidade, começava a dever ao patrão. Devia a passagem do navio até o Pará e o dinheiro que recebia para se preparar para a viagem. E daí sua dívida aumentava constantemente”. (Euclides da Cunha in Galvão e Costa, 2028, 3) . O seringueiro percebia que tinha entrado em um pesadelo, um pesadelo de miséria, o submundo de Hades repleto de agonias e angústias, um limbo escuro na floresta, sem grandes possibilidades de lá fugir. Assim pode parecer o eterno mundo da perdição ou um lugar de condenação. Passaremos a observar no texto *Terra Encharcada* que apresentam o mundo dos seringueiros como este “buraco sem fundo”, este inferno que não oferece oportunidades para fugir para o paraíso:

Antes, pelo contrário, avassalava-o uma irremediável sensação de horror e tédio, de insegurança, de medo, de angústia, abafado na selva impressionante, lúgubre e estranhamente silenciosa." O inferno, para Cesário e os companheiros como Calixto e Sena entre outros na seguinte passagem, fica no Igarapé Taguari: "E ele ficara perdido naquele inferno, sem um amigo, sem ninguém que se interessasse por sua sorte, há mais de dez anos." (60). O patrão ou gerente era o demônio daquelas regiões infernais: “Manuel Lira, o gerente, encarregava-se de obter maior rendimento possível, sem cogitar dos sacrifícios impostos ao homem e à região. Fora dos primeiros a fraudar o peso da borracha” (60)

Em outra passagem, o autor usa a palavra “inferno” para descrever a situação de Cesário: "Cesário já se convencera da impossibilidade de permanecer ali. Mas ainda não sabia como sair daquele inferno. Ao fim do mês, nada recebendo de salário, procurou Manuel Lira" (66). Manuel Lira não paga e ainda diz que o coronel fez “caridade” ao acolher trabalhadores que “morriam de fome” no Nordeste. Aquele mundo de sombras deixava Cesário e os demais, macambúzios, num estado perpétuo de desconforto. Tudo parecia levar os seringueiros para um abismo sempre mais sorumbático. Dir-se-ia que os trabalhadores caminhavam para morte, como um gado que não tem como reclamar de um triste fim iminente: "Caminhavam para a morte, sem um protesto, sem um gesto de audácia, cavando a sepultura com as próprias mãos." (83) E Cesário reflete e se indaga:

-Sim, seria ótimo se eles levantassem juntos e juntos exigissem justiça. Quantos, contudo, seriam capazes de lutar contra Antônio Carlos? O mais parecia inexplicável era o comportamento dos nordestinos,

transplantados para a Amazônia. Mudaram completamente os seus códigos morais aprendidos na luta diária do sertão. “ (83)

Mais adiante parece que sua decisão de lutar vai crescendo: - Com os diabos, explodiu. É preciso alguém tomar a iniciativa e lutar.” (83)

O fato de os seringueiros comportarem-se como mortos, sem motivação para a luta, talvez convencesse mais Cesário, que ele estava na “região dos mortos.” No entanto, ele ainda encontra forças para imaginar uma luta contra a situação infernal em que vive. Havia nele ainda a habilidade para acreditar que pior do que aquele inferno era não lutar:

O sertanejo desceu as escadas como autômato. Precisava, urgentemente, de comunicar-se com Calixto, mas sem provocar suspeitas. Absorto em suas preocupações, lembrava-se também de Zé Luis e teve-lhe pena. Sua má sorte, órfão, atirado naquele inferno, despertou-lhe no coração, contristado, um sentimento paternal, afetivo, que fazia esquecer, momentaneamente, as suas próprias amarguras.” (93)

Chega o momento que sua coragem brota com mais vigor e ele realmente abertamente luta contra os demônios daquele inferno: “-Estou disposto a dar até minha vida para me ver livre, de gente como esta. Eis um homem que ontem insultava, esbordoava, berrava com Deus e o mundo.” (97). Parece ser impossível não interpretar este homem, um gerente, como um demônio, um representante do mundo das trevas, “berrando contra Deus e o mundo.”

Já com poderes de falar com o coronel de igual para igual, depois de ter dominado os gerentes por meio de sua rebelião, Cesário vai mostrar ao coronel como ele proporcionou aos trabalhadores um mundo de escravidão, correspondente a um inferno. Cesário desabafa ao coronel Antonio Carlos:

O senhor está mal informado, quando diz que obriguei seus empregados a fugir. Vieram porque quiseram. Todos saem daqui porque nas suas terras, o que se pratica é pior que escravidão. O senhor fez riquezas, os seus gerentes têm lucros elevados...” (118)

O inferno para os seringueiros, portanto, como vemos em *Terra Encharcada* não é comparado com aquele “Inferno Verde” de Humboldt e outros, onde a própria natureza age

como o “inimigo”, mas sim, um inferno onde o “inimigo”, o “coiso”, o “satanás, é o homem avarento, sem piedade e sem consideração pelos trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias obras literárias exploraram a vida de sofrimento de seringueiros sendo escravizados por donos de seringais. *A Selva* do português Ferreira de Castro, *A Voragem do colombiano* de José Eustáquio Rivera, *Terra Caída* de José Potyguara e *Seringal* de Miguel Ferrante entre muitas outras. *Terra Encharcada* é mais uma obra que de certa forma segue com este mesmo tema. No entanto, esta obra aprofunda o tom quando se refere à crueldade dos donos dos seringais e de seus gerentes em relação aos seringueiros. Baseada em fato histórico acontecido já no período em que o preço da borracha torna a extração quase inviável, o romance revela que a Amazônia se torna um verdadeiro inferno para os trabalhadores pobres. O inferno aqui é causado não tanto pelas dificuldades da natureza, mas pela maldade dos seres humanos que se consideravam os donos da região sem nenhuma consideração pelo ser humano.

Em seu texto “*Reinventar a descolonizar a escrita sobre a região*”, Miguel Nenevé e Sonia Sampaio (2016) argumentam que “talvez o fato de a natureza oferecer dificuldades de dominação devido a vários obstáculos como a custosa navegação que determinou o insucesso de tentativas de colonização ao longo da história da região, tenha motivado imaginações de vários viajantes” (3). Estas imaginações levaram a criação de várias interpretações sobre o inferno verde. Em *Terra Encharcada*, no entanto, a selva negra, escura carente de luminosidade não é a selva Amazônia, mas a selva de seres humanos que se deslocaram para a região com o intuito de terem lucro e mais lucro, desconsiderando os indígenas que viviam na região e escravizando os trabalhadores nordestinos. Concluímos, portanto, chamando a atenção para a necessidade de repensar empreendimentos na Amazônia que simplesmente escravizam os habitantes locais e proporcionam lucros apenas a uma pequena oligarquia. *Terra Encharcada*, embora escrita por um militar que apoiou a ditadura pode sugerir boas reflexões ao leitor.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. Romanceiro da batalha da borracha. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, Manaus: Imprensa Oficial, 1992.



- BENCHIMOL, Samuel. Um pouco-antes e além-depois. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.
- CUNHA, Euclides. À Margem da História. Rio: Edições de Ouro, 1999
- CUNHA, Tuylla Rayane Tavares da. “ Guerra, sertão e memória: os pracinhas sertanejos e os soldados da borracha na Segunda Guerra Mundial. 2018. 98 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em História dos Sertões, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2018. : <http://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/7443>.
- DA COSTA, JOSUÉ E DA SILVA, RACHEL. “Da Floresta ao urbano: Cemitérios Sagrados “
“(http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/40.pdf).
- LOUREIRO, J de J.P. Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário. Belém: Cejup, 2015.
- LOUREIRO, Antonio. **Amazônia – 10.000 anos**. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1982.
- MOREIRA, Eidorf. Influências Amazônicas no Nordeste
http://ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/1975/ACL_1975_24_Influencias_amazonicas_no_nordeste_Eidorf_Moreira.pdf.
- NECK, Aureliano “ O encantao Vale do Jari” disponível em
<http://castelorooger.blogspot.com/2012/12/vale-do-jari-historia-contada-em-samba.html>.
- NENEVÉ, M SAMPAIO, S. “Reimaginar a Amazônia. In Albuquerque, G, Nenevé, Mi e Sampio S, - Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização. Rio Branco: NEPAN, 2017.
- PASSARINHO, Jarbbas. Terra Encharcada. Rio: Clube do Livro, 1968.
- SILVA, Antonio Galvão e Costa, Josue “Seringueiros na Amazonia. Disponível em
https://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20AntonioCarlosGalvaodaSilva.ED2V.pdf.
- SOUZA, Marcio. Breve História da Amazônia. S Paulo: Marco Zero, 1994.